



**CÓRNEA, SUP. OCULAR EXTERNA, CONTACTOLOGIA, ONCOLOGIA
E ÓRBITA**

08:30 | 10:45 SALA HIDRA

Mesa: Teresa Bragança, Irene Barbosa, Ana Magriço

09:26

**CL103- BRAQUITERAPIA EPISCLERAL NO TRATAMENTO DO MELANOMA DA ÚVEA – A NOSSA
EXPERIÊNCIA**

Cristina Fonseca, João Casalta Lopes, Tânia Teixeira, Ana Cavaco, Paulo César Simões, Maria da Luz Cachulo, Júlia Veríssimo, Margarida Borrego, Rui Proença
(*Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra*)

Introdução: O melanoma da úvea (MU) é o tumor intraocular maligno primário mais frequente em adultos. Inicialmente, as opções terapêuticas eram escassas e a enucleação era o tratamento preconizado. Com a necessidade de melhorar a sobrevivência dos doentes e preservar o globo ocular, outras modalidades terapêuticas foram exploradas, nomeadamente a braquiterapia episcleral (BTE). Após publicação dos resultados do grupo COMS, a BTE tornou-se a modalidade de tratamento conservador mais utilizada para MU, com taxas de controlo local aos 5 anos entre 82-98%. Até Novembro de 2013 os doentes nacionais eram encaminhados para centros de referência estrangeiros. A partir desta data, iniciou-se no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) o tratamento de doentes com BTE. O objectivo deste trabalho é avaliar a resposta à terapêutica de doentes com o diagnóstico de MU submetidos a BTE.

Material e métodos: Série prospectiva de casos que incluiu os doentes tratados pelos Serviços de Oftalmologia e Radioterapia do CHUC, entre Novembro de 2013 e Julho de 2015. Foram incluídos apenas os doentes com pelo menos 2 meses de follow-up após tratamento. Foi realizada BTE com ¹²⁵I, com prescrição de dose de 85 Gy ao ápex tumoral. A avaliação pré e pós tratamento foi realizada com recurso a ecografia ocular para determinação das dimensões da lesão. Foram ainda avaliadas complicações agudas e tardias. O tempo decorrido até aparecimento de complicações foi estimado pelo método de Kaplan-Meier.

Resultados: Foram submetidos a BTE 22 olhos de 22 doentes, que apresentavam uma mediana de idade de 62 anos, com predomínio do sexo feminino (59,1%) e do olho direito (68,2%). O diâmetro e espessura iniciais medianos foram, respectivamente, 11,87 mm (5,92-16,57 mm) e 6,10 mm (2,60-12,67 mm). Nenhum doente apresentava metastização à distância à data do diagnóstico, sendo 50,0% classificados como estágio IIA, 45,5% como estágio IIB e 4,5% como estágio IA. O tratamento teve uma duração mediana de 118,1 h, tendo sido prescrita uma dose mediana de 86,45 Gy. O seguimento mediano foi de ---12-- (2 a 19 meses), tendo-se verificado uma diminuição significativa da espessura (diferença mediana 1,13 mm, p=0,001) e do diâmetro (2,47 mm, p=0,001). Não ocorreu metastização nem necessidade de enucleação em nenhum dos doentes. A acuidade visual (AV) diminuiu de forma significativa relativamente à AV pré-tratamento (p=0,001). Trinta e seis por cento dos doentes desenvolveram retinopatia da radiação (RR), com um intervalo de tempo mediano de 13 meses desde o tratamento e foram submetidos a injeção IV de anti-VEGF.

Conclusões: A BTE é uma terapêutica que permite preservação de órgão e não apresenta complicações agudas significativas. Apesar do curto follow-up, verificamos uma redução significativa das dimensões dos tumores, obtida de forma gradual, com perda da acuidade visual pré-tratamento. A taxa de complicações tardias, nomeadamente RR é a esperada e sobreponível às reportadas na literatura.